



Filhos são frutos do amor de pais e mães de diferentes origens, que sentem orgulho de ambos sem discriminá-los.

Ernesto Caruso

Editorial

Profissionais do poder

PPS e PSDB estão há oito anos na administração do prefeito Nelson Trad Filho colhendo louros e apontando os méritos da gestão nas áreas que lhes foram dedicadas – Cultura e Trabalho, no caso dos pepessistas, e Educação e Esporte para os tucanos. Além de, dentro do projeto de aliança, receberem a prerrogativa de indicarem integrantes para fundações e secretarias, utilizaram-se do expediente político para também preencherem cargos de escalões mais baixos entre seus militantes.

Na campanha eleitoral deste ano, PPS e PSDB, representados pelos seus presidentes regionais, o vereador Athayde Nery e o deputado federal Reinaldo Azambuja, anunciaram que tomariam um novo caminho declarando “independência” a um projeto encabeçado por um partido que, ao longo de 20 anos, esteve à frente da Prefeitura de Campo Grande – o PMDB.

No caso de Athayde, a relação de proximidade com a gestão foi mais tumultuada: então no “partidão” – o PCB –, Athayde liderou protestos na Câmara, então na oposição à administração do

então prefeito André Puccinelli. Sem se reeleger em 2000, retornou ao cenário político em 2004, agora na linha de frente da defesa do prefeito Nelsinho Trad, sucessor de Puccinelli, tornando-se inclusive líder do prefeito e presidindo a Fundac (Fundação Municipal de Cultura), fato que faz questão de citar em seu site pessoal na internet.

Reinaldo, por sua vez, deixou a Prefeitura de Maracaju para se tornar deputado estadual e, depois, federal, sempre orbitando o grupo de André. Natural de Campo Grande, transferiu seu título eleitoral para a cidade em 2011, e, após disputar a indicação para concorrer à prefeitura com a então senadora Marisa Serrano, viu-a deixar o palco da política estadual para ocupar vaga no Tribunal de Contas do Estado, abrindo espaço para a sua candidatura.

Gradativamente, discursos afinados com a atual gestão advindos do PPS e do PSDB deram lugar a críticas e malfeitos existentes na gestão que até então integraram. O programa eleitoral bem elaborado e o discurso sólido lhes renderam quase 26% dos votos válidos e,

por pouco, não carimbou a passagem da chapa para o segundo turno das eleições municipais.

Ontem, Reinaldo seguiu Athayde, que há uma semana havia aportado no projeto eleitoral de Alcides Bernal, deputado estadual, advogado e radialista, que terminou o primeiro turno com mais de 40% dos votos. Para os integrantes da chapa PPS-PSDB, o discurso foi o de necessidade de mudança, novos ares, novas práticas administrativas, enfim, de renovação.

No entanto, a partir do momento em que declaram apoio à candidatura de Bernal, PPS e PSDB contradizem o próprio discurso. Não se deve duvidar que tal apoio não ficará apenas no campo das ideias, diante da disputa construída em torno de tal apoio. Os dois partidos vão aguardar, com apetite, por quinhões em uma hipotética gestão de Bernal, assim como o fizeram ao longo das últimas administrações em Campo Grande. Como “profissionais do poder”, escoram-se no favorito das pesquisas de intenção de voto na esperança de não deixarem o paço municipal.

Marcos Borges



Rótulos que marcam

Ernesto Caruso

Às vezes negativamente, uns sintetizam comportamentos como a lembrar de uma propaganda onde o mote era que o brasileiro gosta de levar vantagem em tudo. Ficou conhecida como a “lei-do-Gerson”. O produto caiu no esquecimento.

As cotas raciais podem dar a conotação negativa que não é o espírito da lei, quem sabe com a pitada da demagogia, mas que vão rotular uma geração. Sabe-se que tais cotas impõem ingresso nas faculdades com as notas mais baixas, ou seja, o filtro do mérito pelo melhor desempenho tem uma brecha a favorecer os menos preparados, que um dia receberão os diplomas e vão enfrentar o dia a dia da competição e da competência. Para exemplificar, os erros médicos de hoje, pela má formação acadêmica e, estado deprimente dos hospitais, não têm uma marca a não ser do gênero humano mal preparado pelo ente público.

O Congresso aprovou e o STF decidiu que o sistema de cotas raciais em universidades é constitucional. As razões dos ministros giraram em torno de que se deve tratar de modo diferente pessoas desiguais, mesmo arranhando o Art. 5º, “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...” e valorizando o Art. 3º, que elenca os objetivos de construir uma sociedade livre, justa e solidária, de erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais e promover o bem de todos. Sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade.

Ora, quando a CF impõe como uma das metas do Art. 3º, de “reduzir as desigualdades sociais” não está implícito que alguns sejam prejudicados e outros fa-

vorecidos, principalmente considerando o grau maior ou menor da mestiçagem intimamente ligada aos aspectos de etnia, raça, a desaguar no abominável racismo, indutor de confrontos na História da humanidade, só comparável àqueles de fundo religioso.

Estímulos e incentivos são tolerados, a despeito do texto, “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações...” (Art. 5º/CF). O apoio ao mais fraco ou



O que esperar desse país deteriorado pela corrupção, onde morrem desassistidos brasileiros de todas as origens, de todas as cores, com a pele da pobreza e do abandono.

deficiente, quando agasalha o gênero, homens, mulheres, não agride. Se a legislação estabelece cota para deficientes físicos, ninguém reage, pois a natureza humana se engrandece diante daqueles com necessidades especiais e, sem considerar o amor próprio da pessoa viver como os demais, e que sob o véu da economia toda a sociedade ganha, a incorporar mais um cidadão.

Cor da pele, raça, etnia não são defi-

ciências, nem insuficiências, ter ou não dinheiro para se instruir, sim. O Estado deve corrigir as distorções. Mas, o quê esperar desse Estado deteriorado pela corrupção, corpo com infecção generalizada nos corredores do SUS, infectos, onde morrem desassistidos brasileiros de todas as origens, de todas as cores, com a pele da pobreza e do abandono.

O processo de inclusão do pobre, naturalmente vai beneficiar a todos independente do grau de miscigenação. Pobre negro, pobre branco e pobre mestiço estão na fila da sobrevivência.

Marcados pelas cotas, uns estarão porque as usaram e, outros estarão marcados, mesmo que não as tenham aproveitado. Realidade que se espera, seja mudada.

A miscigenação é o cerne da nação brasileira que vem sendo mascarada enquadrando ou forçando o enquadramento do mestiço como negro. Negação à componente branca.

Inaceitável o que sugere a ministra petista da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), ao explicar que o programa é para os negros (Igualdade Racial?) e condiciona beneficiar caboclos e ribeirinhos da Amazônia se se declararem negros (Vídeo na Nação Mestiça).

A intolerância racial está sendo costurada por interesses escusos e ingenuidade dos que não sentem a intenção de alguns em fomentar mais uma divisão na Unidade Nacional. Filhos são frutos do amor de pais e mães de diferentes origens e, que quando os olham, sentem orgulho de ambos sem discriminá-los, nem ordená-los.

É militar reformado

Políticos e Poetas

José Pedro Frazão

Políticos e poetas não são iguais, apesar de concorrerem em habilidade no trato de palavras persuasivas. Não se assemelham, sequer, com a insinuação do verso de Fernando Pessoa que propõe ser o poeta “um fingidor”, porque as dores e fingimentos não têm a mesma origem nem o mesmo fim. O poeta finge “a dor que deveras sente.”

O que político e poeta têm de igual é só a coincidência da primeira sílaba e o fato de a “Última Flor do Lácio”, fingindo-se de “inculta”, mas “bela”, se render às malícias de ambos. É como se fosse o maribondo e a abelha, que sugam a mesma flor, mas não produzem o mesmo mel.

Que não se arme, agora, contra mim o ferrão do maribondo político, mas é verdade que há uma questão de gênero: o poeta direciona sua malícia para o verbo; o outro, quase sempre, para a verba, com justa razão de sobrevivência, porque, na atualidade, verbo e verba são os respectivos alimentos naturais de um e de outro. Mas nada impede um político de se tornar poeta, para melhor entender as utopias; nem um poeta de se tornar um gestor público, para governar com sensibilidade e concretizar as utopias sociais.

Ao utilizar a arte poética visando à verba, o político invoca Autólico (o ícone mitológico da esperteza, da desonestidade). E ao se locupletar o poeta da arte do verbo para fins escusos é porque ele já não é mais – ou nunca foi – um poeta. É um simples maribondo possuído por Sísifo (o ente mitológico mais astuto dos mortais, mestre da malícia e dos truques, que chegou a enganar a própria morte).

Imaginem, hoje, uma antologia de politerários brasileiros:

- 1 - um vereador “clássico” legislando ao estilo greco-romano, mas em causa própria, cegando Camões, dramatizando Shakespeare e zombando Cervantes;
- 2 - um “romântico” presidente do Senado corrompendo Byron e assassinando Álvaro de Azevedo e a ética, tecendo fantasias e sentimentos para negar a verossímil propina de Sísifo e sustentar uma

história de amor impossível (na mitologia grega, Autólico também era o ladrão que roubava o gado de Sísifo);

3 - um deputado caído num grampo “realista” da Polícia Federal e na contradição “naturalista” do “jogo” do poder, preferindo Maquiavel a Machado de Assis;

4 - um “parnasiano” governador avesso a Bilac, deixando o cargo sem explicar o golpe aplicado ao erário, perdido em formas e palavras difíceis de aceitar, fazendo o remendo ficar pior que o soneto;

5 - um “simbolista” (ou simbólico) presidente nacional imortalizando chavões do futebol e derrotando a Educação (na contramão de Pitágoras) e com o subjetivismo de causar inveja a Cruz e Souza;

6 - um pseudomodernista líder venezuelano plagiando o socialismo de Gabriel García Márquez, querendo ser a “chave” da questão latino-americana, com o risco de impingir-lhe mais “cem anos de solidão”.

Político é político; poeta é poeta. Apesar disso, nem todo “político” é político; nem todo “poeta” é poeta. É como a poesia: de cada dez livros publicados, um contém alguma poesia; os demais são versos perdidos na ilusão que a arte não criou. Da mesma forma, os habilidosos manipuladores de verbos e verbas, discípulos de Sísifo e Autólico, são, na linguagem vulgar, políticos e poetas caça-níqueis, que somente aí se assemelham, porque não são nem políticos, nem poetas.

Espaço do leitor

Artigos e comentários dos leitores podem ser encaminhados à rua 14 de Julho, 204, Campo Grande MS - ou pelo e-mail: leitor@oestadoms.com.br - ou por fax: 67 3345-9032

o Estado

MATO GROSSO DO SUL

“Somos o que fazemos. No dia em que fazemos, realmente existimos; nos outros, apenas duramos.” Padre Antônio Vieira

Fundado em 2 de dezembro de 2002
Jaime Vallér e Lídia Vallér

Rua 14 de Julho, 204 - Vila Santa Dorothéa - Campo Grande - MS - CEP 79004-392
Telefone: (67) 3345-9000

Departamento comercial
Telefone: (67) 3345-9030 comercial@oestadoms.com.br - gerentecomercial@oestadoms.com.br

Departamento de circulação
Atendimento ao assinante: Telefone (67) 3345-9050 circulacao@oestadoms.com.br

Redação
Telefone: (67) 3345-9000 redacao@oestadoms.com.br

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro
Pereira de Souza & Cia Ltda.
Rua Antônio de Carvalho, 29
Sala 510 - Tel.: (21) - 2544-3070

São Paulo
Pereira de Souza & Cia Ltda.
Rua Araújo, 70 - República
Tel.: (11) - 3259-0111

Brasília - DF
Pereira de Souza & Cia Ltda.
SCS-Z Ed. Antonio Venâncio da Silva - Salas 601/4
Tel.: (61) 3226-6601 Fax: (61) 3225-2057

Opinião do leitor a respeito da edição de ontem

1 COLETIVAMENTE, A MANCHETE DE ONTEM
“Capital tem 1037 ações para reconhecer paternidade”

FOI: 40% MUITO IMPORTANTE 15% POUCO IMPORTANTE
45% IMPORTANTE 0% SEM QUALQUER IMPORTÂNCIA

2 OS TEXTOS DA PRIMEIRA PÁGINA CONTINHAM ALGUM EXAGERO EM RELAÇÃO ÀS PÁGINAS INTERNAS?

0% SIM 100% NÃO

3 A CHARGE DA EDIÇÃO DE ONTEM FOI:

40% INTERESSANTE 0% INDIFERENTE
0% POUCO INTERESSANTE 60% NÃO VIU

4 NA SUA OPINIÃO QUAL FOI A NOTÍCIA MAIS IMPORTANTE DA EDIÇÃO DE ONTEM?
“Capital tem 1037 ações para reconhecer paternidade”

5 DÊ A SUA AVALIAÇÃO À EDIÇÃO DE ONTEM
40% ÓTIMO 60% BOM 0% REGULAR 0% RUIM